

NA BASE DOS DADOS

BLOG DO NÚCLEO DE JORNALISMO DE DADOS DO GLOBO

Tolerância com a corrupção não reduz a participação política

FÁBIO
VASCONCELLOS
01.12.2014 09h09m

Um tema muito debatido entre pesquisadores que analisam o impacto da corrupção nas democracias tem sido o efeito desse acontecimento na participação política. Há muitas dúvidas entre os especialistas, como por exemplo. Será que a população tende a se desmotivar com a política quando é alta a sua percepção de que há muita corrupção? Ou mesmo, será que alguém que teve uma experiência pessoal com um servidor corrupto tende a se afastar da política?

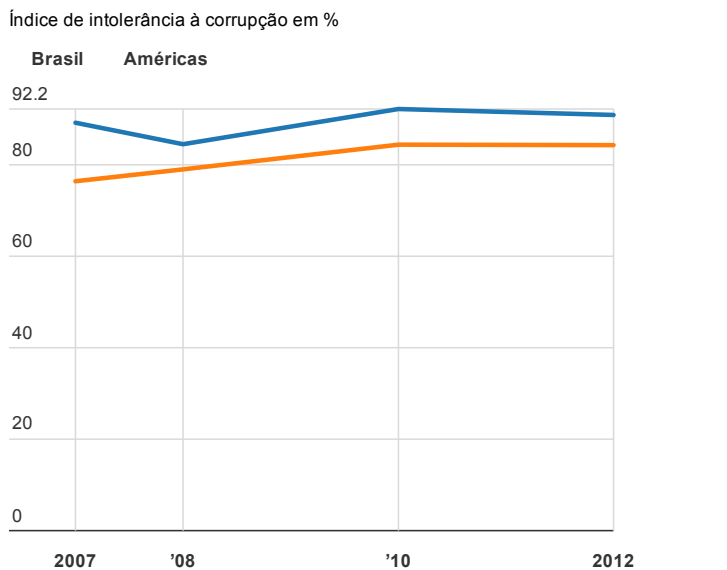
Um estudo realizado pelos pesquisadores Robert Bonifácio e Rafael Paulino, do Centro de Estudos do Comportamento Político da UFMG, apresenta algumas respostas para essas dúvidas e elas contrariam a percepção comum. Ao contrário do que se imaginava, os pesquisadores encontraram evidências de que cidadãos que já vivenciaram casos de corrupção são mais propensos a participar de eventos políticos. Essa mesma relação foi encontrada entre aqueles que toleram mais a corrupção. Ou seja, a corrupção não teria um efeito desmobilizador do ponto de vista da participação política.

Bonifácio e Paulino analisaram dados do *Latin American Public Opinion Project* (Lapop) para os anos de 2004, 2006, 2008, 2010 e 2012. Os questionários do Lapop foram aplicados em mais de 20 países da América do Sul, Caribe e América do Norte. Para realizar o estudo, os pesquisadores criaram o índice de experiência com a corrupção e o índice de intolerância à corrupção, ambos como resultado da associação de respostas apresentadas pelos entrevistados. No primeiro, o Brasil aparece em 17º lugar, com 5,3% de respostas positivas dos entrevistados à experiência com casos de corrupção em 2012. O país com o mais alto índice foi a Bolívia, com 23,6%. A média dos 22 países pesquisados foi de 11,4%. Já no índice de intolerância à corrupção, o Brasil está em 8º lugar, quatro posições abaixo com relação ao ranking de 2010, com 90,9% de intolerância. Na média, 84% dos entrevistados são pouco tolerantes à corrupção.

Na pesquisa, os autores utilizaram técnicas estatísticas para mediar as relações entre as variáveis "experiência com a corrupção" e "tolerância à corrupção" com a chance de participação política. De acordo com o estudo, que foi apresentado no Congresso da

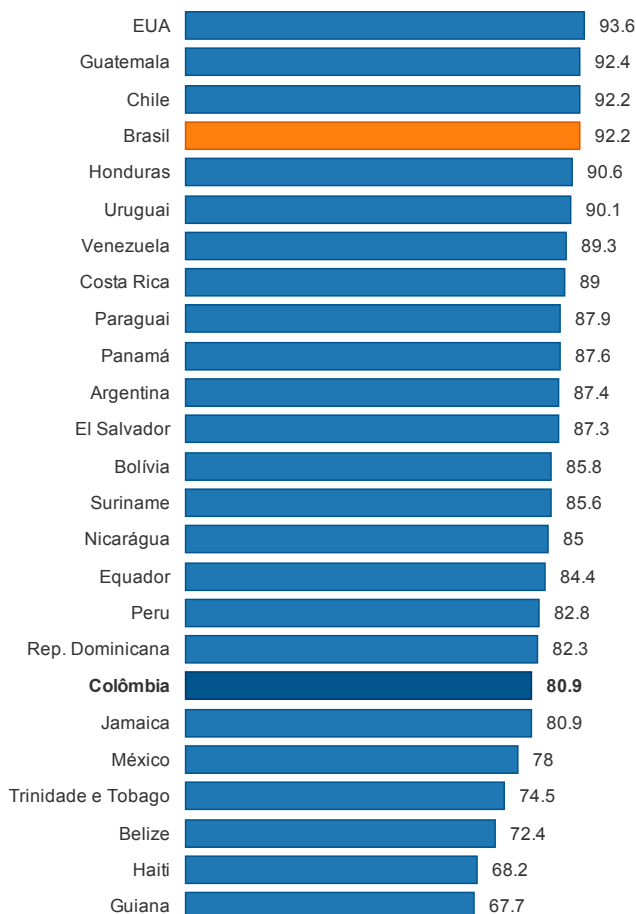
Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), “os cidadãos que vivenciaram situações de pedido de propina/ suborno por parte de policiais e funcionários públicos apresentam maiores chances de engajamento em atividades participativas, comparados com os cidadãos que afirmam não terem vivenciado tais situações”. Os pesquisadores defendem ainda que as pessoas mais tolerantes à corrupção têm mais chances de engajamento em atividades participativas que os intolerantes, o que, novamente, contraria a ideia de que a corrupção afastaria o cidadão de eventos políticos.

Ainda não está claro se a participação é no sentido de o cidadão tentar mudar as coisas, ou seja, para reduzir ou acabar com a corrupção, ou de uma participação que tenta também se beneficiar da corrupção. No estudo, foram considerados como indicadores de participação política: o contato com atores políticos ou governamentais; ativismo comunitário; ativismo eleitoral; comparecimento eleitoral e ativismo de protesto. O Blog conversou com Robert Bonifácio sobre os resultados da pesquisa. **(veja abaixo)**



Intolerância à corrupção em %

2010 pr Jul Oct 2011 Apr Jul Oct 2012



Created with [Datawrapper](#)

Source: Robert Bonifácio/UFMG, [Get the data](#)

O índice de experiência com a corrupção no Brasil variou nas duas últimas rodadas de pesquisa de 6% para 5%. No mesmo período, vimos uma queda da posição do Brasil no ranking de tolerância à corrupção. Éramos o quarto menos tolerante, agora somos o oitavo. Estamos agora diante de novos casos de corrupção, o que esperar desses dados nas próximas pesquisas?

Robert Bonifácio: A medida de intolerância a pedidos de propina, chamada por mim de intolerância à corrupção, é um valor. Dentre os cidadãos de países americanos e caribenhos ao longo de 2006 e 2012, o percentual tem aumentando ligeiramente. No Brasil, houve uma pequena queda entre 2010 e 2012, com uma diferença percentual muito pequena para considerarmos uma alteração de tendência. Por ser um valor, espero que o percentual de intolerância à corrupção vá aumentando ao longo do tempo, mesmo que ocorra pequenas flutuações percentuais ao longo dos anos. O efeito para tanto é a convivência com o regime democrático, o que pode levar a um maior apego a seus princípios e normas.

Há uma grande dificuldade de os pesquisadores identificarem as causas da corrupção na política ou na administração pública.

Essa ideia coloca o seguinte problema: o que não podemos entender ou explicar não podemos sanar. Qual a sua avaliação para esse dilema, se é que ele existe?

Bonifácio: É difícil mesmo dar respostas sobre as causas da corrupção, já que é um fenômeno ubíquo. São duas as considerações que considero serem as mais predominantes na literatura especializada: de um lado, há os que enfatizam um papel importante da cultura política de um determinado país, sendo essa cultura mais ou menos permissiva às práticas corruptas devido a processos históricos e políticos que são repetidos e perpetuados. Por outro lado, há aqueles que consideram o comportamento corrupto como consequência de um cálculo racional do indivíduo, sendo mais comum a prática de *rent seeking* (acúmulo de renda advinda de condutas que transgridem a lei) em ambientes em que os indivíduos enxergam serem grandes as oportunidades para tal. Essa dificuldade em identificar as causas da corrupção não pode, contudo, minar os esforços para conhecermos as práticas corruptas mais usuais e/ou medirmos a frequência e a intensidade do fenômeno nas sociedades. O conhecimento dessas questões contribuem para o entendimento da natureza das práticas corruptas e também para a criação de políticas de punição aos corruptores. Portanto, não vejo razões para a existência desse possível dilema que sugere na pergunta.

O trabalho de vocês apresentam um dado curioso. Ao invés de desmobilizar, a corrupção teria um efeito mobilizante entre os cidadãos. Poderia explicar melhor essa relação?

Bonifácio: O que eu e Rafael Paulino encontramos é que, ao contrário do que pensávamos, há uma associação positiva entre diversas medidas de corrupção a nível individual e o envolvimento em atividades participativas, no contexto americano e caribenho, ao longo do período entre 2006 e 2012. Estou desenvolvendo no momento uma investigação com problema de pesquisa idêntico, juntamente com o professor Ednaldo Ribeiro, da UEM, mas focado no contexto brasileiro, para o mesmo período de tempo. Os resultados se repetem. Ou seja, não tenho dúvidas ao afirmar que há uma associação positiva entre corrupção e participação política, ao contrário do que se pode intuir. Dentre as medidas de corrupção utilizadas, a relativamente mais objetiva - e, por isso, mais válida - é a referente a experiência com situações de pedido de propina por parte de agentes públicos, como policiais e funcionários públicos. Essa medida de corrupção é a que melhor discrimina a existência ou não de envolvimento político. Desse modo, quanto maior a experiência do cidadão com práticas corruptas, maior é a chance dele se engajar em diversas modalidades participativas: ativismo comunitário, ativismo partidário e eleitoral, contato com atores políticos e governamentais e ativismo de protesto.

Há possibilidade de se identificar se essa mobilização é no sentido de combater a corrupção ou de as pessoas também se beneficiarem da corrupção?

Bonifácio: Para além do tipo de relação existente entre corrupção e participação política, é preciso investigar quais são os mecanismos que permeiam essa relação. Assim, é preciso darmos esclarecimentos às seguintes indagações: os cidadãos buscam, a partir do ativismo político, mudar a postura corrompida dos agentes e das instituições públicas ou eles visam obter ganhos materiais via inserção na rede corrupta? Eu e Ednaldo atacamos esse problema no artigo que estamos desenvolvendo, com dados sobre o Brasil. Os testes ainda não estão completamente construídos, mas os já realizados - para o ano de 2007, somente - indicam que o perfil de cidadão que concilia

experiência com corrupção e engajamento em ativismo comunitário apresenta-se mais permissivo e tolerante a diversas questões sobre corrupção. Já os que aliam experiência com corrupção e engajamento no ativismo partidário e eleitoral apresentam postura oposta.